

O café e o falante♦

Marcus André Vieira



Referência

Vieira, M. A. "O café e o falante", Revista Cult, n. 211, São Paulo, 2016.

[Capa e índice](#)

Resumo

Lacan destaca, mais tardiamente em seu ensino, como uma análise nos leva não apenas ao acontecimento da verdade, mas ao acontecimento de corpo. Este acontecimento convoca um corpo que não é aquele com que nos deitamos e levantamos, mas daquele que transborda sua imagem, essa que encontramos no espelho, às vezes com sustos, mas que nos assegura que somos nós mesmos. Pois bem, uma análise é sempre também a certeza de que somos mais que nós mesmos e que isso conta.

Em "Sala de desjejum", (*Rua de mão única*, Brasiliense, 1987), Walter Benjamin lembra uma tradição popular que adverte contra o relato de sonhos antes do café da manhã. Há perigo porque a higiene matinal "chama para dentro da luz apenas a superfície do corpo e suas funções motoras visíveis, enquanto, nas camadas mais profundas, mesmo durante o asseio matinal, a cinzenta penumbra onírica persiste e até se firma, na solidão da primeira hora desperta (...). Quem está em jejum fala do sonho como se falasse de dentro do sono (...), nessa disposição, o relato sobre sonhos é fatal, porque o homem, ainda conjurado pela metade ao mundo onírico, quando conta o sonho o trai em suas palavras e tem de contar com sua vingança".

Freud chamou essa vingança "formações do inconsciente", lapsos, equívocos, atos sem sentido, nas quais o real do sonho insiste e provoca os deslizamentos que constituem uma verdadeira psicopatologia da vida cotidiana, perturbando o sonhador na hora de tomar o ônibus ou bater ponto no trabalho.

O lado de cá do sonho, nosso dia-a-dia, só se alcança, ainda segundo Benjamin "num asseio que é análogo à ablução, contudo inteiramente diferente dela. Passa pelo estômago". Por quê não, então, dar um pulo no analista antes do café? De fato, o espaço analítico é exatamente o contrário do café da manhã em família. Em vez de descartar a psicopatologia da vida, Freud mostrou como é possível reconstruir a partir de suas manifestações fragmentadas uma narrativa alternativa de si. É justamente este "a mais" da vida de vigília com quem sempre lidou a psicanálise, essa estranha alteridade no coração da intimidade que é apenas jogada para debaixo do tapete no dia a dia.

Lacan, por sua vez, virá enfatizar o quanto o descarte de conteúdos perturbadores, seu recalque, não é exclusivamente obra da repressão social ou de um evento traumático. Ele é necessário à estabilidade do eu e em última instância à nossa sobrevivência no coletivo, feito de pactos mais ou menos bem definidos.

Benjamin ajuda ainda a destacar como o próprio corpo está envolvido no processo. Olhar-se no espelho, lavar o rosto, tomar café, contar histórias e narrar seus sonhos, essa seria a sequência ideal para uma formatação de si coerente com o que se espera de nós na cidade. Mas ele lembra como este processo cotidiano inclui a estabilização tanto do exterior quanto do interior do corpo. É preciso também passar pelo estômago.

Ora, se alguma coisa perturba a estabilidade de nossos limites é a fala. A voz tem a particularidade de nos mobilizar sem levar em conta uma de nossas balizas mais básicas: o "dentro x fora" do corpo. De fato, o som nos afeta sempre ao mesmo tempo pelas vibrações das ondas sonoras conduzidas pelo ar em nossos ouvidos quanto pela vibração óssea. O crânio (assim como o corpo todo) é igualmente mobilizado pelas ondas sonoras e vibra por ação delas.

A delimitação de um corpo passa, assim, pela definição de uma fala própria, interiorizada, em contraposição ao discurso ambiente para a qual será preciso todo um trabalho. Lacan lembra apoiando-se em Jakobson, o quanto uma criança em seu balbuciar infantil, antes da fala, mobiliza um universo sonoro de uma riqueza que não se encontra em toda sua gama em nenhuma das línguas conhecidas. Ao aprender a falar, definindo então o que é seu e o que é do outro, a criança terá deixado de lado este tanto de linguagem que não cabe no discurso comum, assim como um tanto de vida que se tem e que não cabe na vida que se leva. É o que conduzirá Lacan a distinguir a *língua*, discurso encadeado, de *lalíngua*, neologismo criado por ele para destacar o tanto que em nós resta além do discurso como *lalação*, balbucio original, habitando-o nas entrelinhas como gagueira incontornável.

Em uma análise, ao mergulharmos em nossas histórias, na contramão da edição consciente, invariavelmente encontramos elementos deste tipo. Fragmentos de palavras, cheiros, sons e saliva. Costumam ser muito eloquentes, mas não fazem parte de uma história ou um discurso articulado. A experiência do inconsciente inclui essa alteridade sem sentido, não encadeada, porém feita da mesma matéria *linguagreira*, que nos habita.

J. A. Miller, ao propor o tema do X Congresso da *Associação Mundial de Psicanálise* (www.congressoamp2016.com) investiga essa dimensão da linguagem com a premissa de que ela é a forma principal de apresentação do inconsciente hoje. Seguimos habitados pela mesma alteridade estranha trazida à cena por Freud, mas em tempos de falência das grandes narrativas o material inconsciente resiste ainda mais a se combinar com o texto da consciência.

Onde, porém, situar esta experiência de língua sem discurso? Neste sentido, Miller destaca do ensino de Lacan a expressão *Corpo falante*, pela qual somos levados a interrogar o que pode um analista na presença, em uma análise, desse falante do corpo que não é discurso.

O termo *corpo*, aqui, antecede sua condição habitual. O *corpo falante* se refere a uma dimensão pré-ontológica, antes distinção "corpo e alma" ou mesmo "dentro e fora". Ele é a vibração de algo corporal que, no entanto, não é nenhum órgão do corpo, muito mais "entre eles", célebre expressão de Freud, em "A interpretação dos sonhos", para localizar seu inconsciente. A expressão destaca ainda o quanto há um "falante" no corpo, que em nada se parece com o grilo falante de Pinóquio, porque

não dá lições, apenas insiste em elementos esparsos e disparatados perturbando o corpo de todo dia, o corpo que temos, esse com que vamos dormir e nos levantamos pela manhã.

Para caracterizar a presença deste falante do corpo em uma análise nada melhor que a formulação de Lacan destacada por Miller: o corpo falante não se apresenta como uma lembrança ou sentimento, mas como um *acontecimento corporal*.

Em análise deparamo-nos com conteúdos recalçados de nossa história, mas a experiência de encontrar, a surpresa do encontro, para além do que se encontra, conta. Ela é responsável pelo valor de verdade do que está sendo dito que, em si, pode ser um dado relativamente banal, um amor pelo pai ou um desejo de morte por um amigo, por exemplo. E isso muda e melhora a vida.

Antes de enfatizar os acontecimentos de corpo em análise, Lacan havia definido a experiência do inconsciente desta forma, como a de um acontecimento de verdade. Ora, a verdade não tem mais o mesmo cartaz. Há tantas situações, na política por exemplo, em que todos estão tão fora da verdade que sua busca não faz sentido. De que modo a categoria da verdade poderia ser de alguma utilidade no que concerne à operação "Lava-jato" e tudo o que ela envolve, por exemplo?

Por isso a importância em se distinguir o inconsciente como acontecimento de verdade e como acontecimento de corpo. Dois pontos da definição de acontecimento por Deleuze podem ajudar. Primeiramente, um acontecimento não é uma ideia, não tem representação em si. O acontecimento só se define como tal em uma situação dada. O segundo fator de definição é que, além de ser apenas "na situação", está sempre em excesso com relação a ela. Não se resume a ela, transborda-a. Um acontecimento só existe em um contexto dado e ao mesmo tempo não pode ser definido pelo contexto que ele subverte. Sabe-se apenas que depois dele nada mais foi como antes. Em resumo, um verdadeiro acontecimento não apenas só existe na situação como, nela, é um indiscernível "algo mais".

Tomemos então o *acontecimento* de corpo em uma análise neste sentido forte, de apresentação do falante do corpo que não é fala e que tanto transtorna como muda o rumo da prosa. Como, porém, lidar com ele sem torná-lo apenas mais uma história, um relato quase entediante do sonho da véspera, uma *madeleine* entre outras perdida no tempo? Como, ao engolir o café, dar lugar, no dia que começa, tanto à luz quanto à escuridão que nos habita?

Um último conceito-ferramenta de Lacan responderá a essa questão. Para ele, não estamos apenas condenados à viver entre a língua e *lalíngua* sem destino ou direção. Para cada um, o modo de perda daquele "algo mais" de fala e de vida pela ortopedia necessária da educação e das relações sociais deixa sempre rastros. Nos constituímos a partir dos encontros mais ou menos traumáticos com o Outro, mas neste processo, o que fica de fora apresenta um padrão próprio, no rastro destes encontros. Lacan chamou de *sinthoma* este gozo excluído e, portanto, inacessível a não ser a forma de pequenos pedaços de real sonhados. Ele é, porém, o gozo que, de fora da conversa no café da manhã, lhe dá seu tom fundamental.

É preciso, segundo Lacan, aprender a "fazer com" ele, sem querer dominá-lo ou conhecê-lo integralmente, fazer desta estranha presença, companheiro.

Deleuze não está longe de Lacan quando cita Joe Bousquet, conhecido poeta francês, do qual podemos fazer um exemplo deste "fazer com" lacaniano.

Bousquet teve a particularidade de ter sido vítima de uma bomba na primeira guerra aos vinte e um anos que o deixou tetraléxico. No entanto, não trata este episódio como tantos fariam, como um acidente trágico interrompendo a linha da vida. Vive-

o como um verdadeiro acontecimento ao afirmar de maneira aparentemente absurda: “meu ferimento já existia antes de mim, nasci para encarná-lo”.

Só é possível aquilatar o alcance dessa frase se assumirmos que os acidentes da vida, por mais drásticos que sejam, não podem mudar nosso modo próprio de estar nela, traçado pelos encontros mais inaugurais com o Outro. Não mudam o *sinthoma*, mas ao produzirem grandes reviravoltas, esgarçamentos do tecido da realidade, podem paradoxalmente fazê-lo vibrar com mais intensidade. Não à toa o senso comum afirma que nas grandes adversidades é que se conhece a fibra de alguém, é quando algo de nós, mais que em nós mesmos, às vezes, se apresenta.

A questão de Deleuze, de como sermos “dignos do que nos acontece”, é assim respondida por Bousquet com Lacan: É preciso que o gozo do *sinthoma* vibre no diapasão de vida que se leva. Uma análise nos dá a possibilidade de viver nos acontecimentos não apenas seu poder de corte e ruptura, mas igualmente o quanto neles vibra a singularidade de nosso gozo e o quanto ela pode dar aos quotidianos mais fechados seu horizonte próprio de infinitude e invenção. Que o analista seja aquele que na cidade busca as respostas subjetivas à altura do gozo imprevisto do *sinthoma*, o que mais desejar?

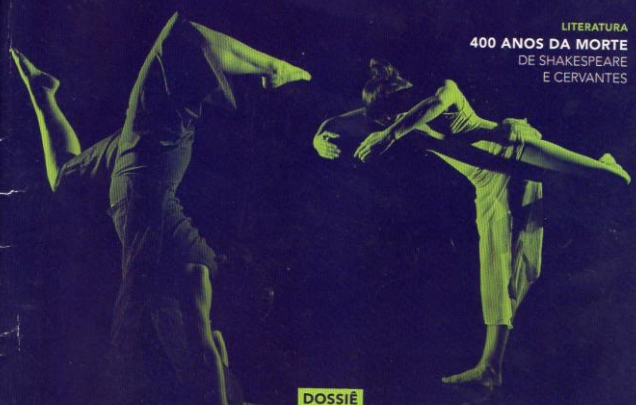
CULT

211 ano 19
abril 2016
R\$14,90
www.revistacult.com.br

ESPECIAL
O FEMINISMO LIBERTÁRIO DAS
**COMBATENTES
CURDAS**

SOCIEDADE
**FAMÍLIAS
HOMOAFETIVAS**
A DIVERSIDADE QUE NÃO
CABE NO ESTATUTO

LITERATURA
**400 ANOS DA MORTE
DE SHAKESPEARE
E CERVANTES**



DOSSIÊ

PSICANÁLISE "A SUBSTÂNCIA DO CORPO É O GOZO"



28 SOCIEDADE

As novas configurações familiares brasileiras exigem leis e discussões sobre identidade, afeto e núcleo familiar, por **Luis Modelli**

34 DOSSIÊ O CORPO FALANTE

35 Prelúdio, por **Gilson Iannini**

36 Rumo ao corpo falante, por **Luz Fernando Carrizo da Cunha e Ondina Machado**

38 Éric Laurent: o corpo falante, por **Marcus André Vieira**

42 Meu corpo e eu, por **Graciela Brodsky**

45 O café e o falante, por **Marcus André Vieira**

48 Os jovens daqui e os do Estado Islâmico: proximidades e diferenças, por **Sérgio Laia**

TEATRO E LITERATURA 400 ANOS DA MORTE DE SHAKESPEARE E CERVANTES

52 Autor de *Hamlet* reflete o interesse do público pela história da Inglaterra e mostra uma visão renovada da política, por **Lawrence Flores Pereira**

55 Cervantes acreditou que os livros poderiam ser mais decisivos para o enriquecimento da experiência humana do que a própria realidade, por **Maria Augusta da Costa Vieira**

LIVROS

58 Tradução de trechos de *A presença pura*, de Christian Bobin, por **Adalberto Müller**

60 Raduan Nassar é semifinalista do prêmio Man Booker Internacional 2016, por **Renato Tardivo**

62 Chega ao Brasil *41 Inícios falsos*, coleção de ensaios-reportagens de Janet Malcolm, famosa jornalista tcheco-americana, por **Ronaldo Bressane**

65 CARTAS

66 OFICINA LITERÁRIA

COLABORADORES CULT 211

ADALBERTO MÜLLER é tradutor e professor de Teoria da Literatura da UFF

ALEXANDRO AULER é fotógrafo

AMANDA MASSUELA é jornalista

FERNANDO COUTINHO é médico, psicanalista e membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise (EBPIAMP)

FRANTHESCO BALLERINI é jornalista e coordenador geral da Academia Internacional de Cinema

GILSON IANNINI é psicanalista e professor do Departamento de Filosofia da UFOP

GRACIELA BRODSKY é psicóloga, diretora do Instituto Clínico de Buenos Aires e psicanalista da Escuela de la Orientación Lacaniana e da AMP

LAWRENCE FLORES PEREIRA é professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM e tradutor de *Hamlet* (Penguin Companhia, 2015), de William Shakespeare

LUIZ FERNANDO CARRIZO DA CUNHA é médico, psicanalista, membro da EBPIAMP e coordenador de ensino do Centro Lacaniano de Investigação da ansiedade

MARIA AUGUSTA DA COSTA VIEIRA é professora associada da USP e membro da diretoria da Associação de Cervantistas

MARCUS ANDRÉ VIEIRA é psiquiatra, psicanalista da EBP e professor-adjunto do Departamento de Psicologia da PUC-Rio

ONDINA MACHADO é psicóloga, psicanalista membro da EBPIAMP e professora de pós-graduação em Psicanálise da Universidade Cândido Mendes

RENATO TARDIVO é escritor, psicanalista e professor do Centro Universitário São Camilo

RONALDO BRESSANE é jornalista e escritor

SÉRGIO LAIA é psicanalista, membro da EBPIAMP e professor de Psicologia e do mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC

VERA AVELLAR RIBEIRO é tradutora, psicanalista e membro da EBPIAMP